

Terapia Assistida por Animais em um hospital pediátrico: relato de experiência de um programa extensionista

Animal-Assisted Therapy in a pediatric hospital: experience report of an extension program

Joslaine Bícigo Berlanda

Graduanda em Enfermagem, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Chapecó/SC
jobicigoberlanda@gmail.com

Bruna Ticyane Muller Narzetti

Enfermeira, residente do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, na área de concentração em Urgência e Emergência do Hospital Universitário da UFSC
brunamuller_narzetti@hotmail.com

Alessandra de Paula

Graduanda em Enfermagem, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Chapecó/SC
alessandradp10@hotmail.com

Caroline Menzel Gato

Graduanda em Enfermagem, Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Chapecó/SC
caarolmenzel@gmail.com

Crhis Netto de Brum

Doutora em Enfermagem, Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, Campus Chapecó/SC
crhis.brum@uffs.edu.br

Samuel Spiegelberg Zuge

Doutor em Enfermagem, Docente do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)
samuelzuge@unochapeco.edu.br

RESUMO

Este artigo objetiva relatar as atividades do Programa extensionista, intitulado – Cãozinho: Promovendo a saúde e a qualidade de vida de crianças por meio da Terapia Assistida por Animais (TAA), que se encontra vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. Considerando a importância da ludicidade no cuidado pediátrico, utilizou-se a TAA como estratégia de humanização do ambiente hospitalar. Essas ações compreenderam a prática da Cinoterapia, tendo o Cão-terapeuta como mediador do processo de cuidado. As ações foram conduzidas por profissionais da área da saúde e por voluntários capacitados, possibilitando uma assistência integral, garantindo a recreação e ludicidade. Diante disso, a inserção da Cinoterapia em ambientes hospitalares como recurso lúdico ultrapassa métodos padronizados no campo profissional e acadêmico, mostrando-se como uma técnica inovadora e dinâmica, com domínio aberto a novos estudos que podem enriquecer o cenário científico profissional.

Palavras-chave: Terapia Assistida por Animais. Saúde da criança. Hospitalização.

ABSTRACT

This article aims to report activities of the Extension Program, entitled: Cãozinho: Promoting the health and quality of life of children by means of Animal-Assisted Therapy (TAA), which is linked to the Pro-Rectorate of Extension and Culture of Federal University of South Frontier, Campus Chapecó. Considering the importance of playfulness in pediatric care, TAA was used as a strategy for the humanization of the hospital environment. These actions included the practice of Cinoterapia, where the Dog-therapist acted as mediator of the care process. The actions were conducted by health professionals and by trained volunteers, enabling an integral assistance, ensuring recreation and playfulness. Therefore, the insertion of Cinoterapia in hospital settings as a recreational resource exceeds standardized methods in the professional and academic field, showing itself as an innovative and dynamic technique, with open domain for new studies that can enrich the professional scientific scenario.

Keywords: Animal-Assisted Therapy. Child health. Hospitalization.

INTRODUÇÃO

A hospitalização durante a infância, majoritariamente, está atrelada a uma representação paradoxal, que por vezes é interpretada como um processo necessário para cura, enquanto também é permeado por um estigma de dor e sofrimento (Cruz, 2016). Nessa perspectiva, o adoecimento da criança representa uma experiência potencialmente estressora e causadora de medo e angústias, das quais ocorrem principalmente pelas mudanças de rotina e ao afastamento do conforto da família, podendo interferir diretamente na projeção de autoconfiança, autoestima e autocuidado durante o enfrentamento da hospitalização (Lima; Barbosa; Monteiro, 2015).

De acordo com Lima et al., (2015), quando a hospitalização se torna um processo repetitivo durante a infância, principalmente nos casos de doenças crônicas e que demandam assistência de saúde de maneira contínua, o enfrentamento da condição saúde-doença torna-se dificultoso, podendo ser considerado um agravante no processo de desenvolvimento da criança. Ao encontro disso, Marques et al., (2016) aponta que a sucessão de mudanças que o processo de hospitalização instaura na vida da criança, reflete diretamente na necessidade de readaptação de toda a família diante da nova realidade, em busca de reestruturar o cotidiano alterado, necessitando assim a reaprender a cuidar do filho e de si mesma.

Embora o ambiente hospitalar seja comumente permeado por fatores potencialmente estressores, compõe um espaço enriquecedor de cuidado na criança, permitindo assim, a inserção de atividades lúdicas como uma necessidade de humanização assistencial. Além disso, busca promover o acolhimento da criança com a finalidade de diminuir os impactos causados pela doença e da hospitalização e possibilitar o suporte necessário para superação de seus medos e angústias com relação ao adoecimento, garantindo a satisfação da recreação e ludicidade como necessidades importantes que devem ser contempladas em um ambiente hospitalar (Lima et al., 2015).

Considerando este contexto, compreende-se que a Terapia Assistida por Animais (TAA) compõe uma estratégia de cuidado, fortemente, vinculada às práticas de ludicidade e humanização da assistência à saúde. Desde os seus primórdios, o ser humano mantém uma estreita relação com diversos animais, independente da sua espécie. Essa convivência nos dias atuais tem-se expandido para além do lazer e da recreação, sendo considerada com uma possibilidade terapêutica de cuidados (Pereira; Pereira; Ferreira, 2007).

As TAAs ganharam destaque nas discussões de cuidados em saúde mais contemporâneas, porém, historicamente, sua aplicabilidade nos remete a registros desde a época de Florence Nightingale, o qual por meio da relação entre pacientes e pequenos animais obtinha-se a disposição de

manifestações de melhora da saúde e bem-estar (Moreira et al., 2016). De forma complementar, compreende-se que a relação entre os seres humanos e os animais, especialmente com os cães, já existe há milênios, bem como os benefícios que proporcionam por meio da companhia, estímulos e motivação, considerando que os animais não discriminam ou segregam qualquer pessoa, isto é, são livres de preconceitos, e, portanto, podem ser utilizados com finalidade terapêutica (Silveira; Santos; Linhares, 2011).

No Brasil, o interesse pela TAA teve início ainda na década de 60, mas somente a partir do ano de 1990 foram implantados os primeiros estudos científicos com as primícias da Dra. Nise da Silveira, que relatou sua experiência no livro: *Gatos, a emoção de lidar*, que tem como tema diretor as relações do homem com os pequenos felinos (Juliano et al., 2006).

As atividades que incorporam animais como agentes facilitadores de um processo terapêutico são conhecidas como Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) ou Terapia Assistida por Animais (TAA), até então, estas são conceituadas cientificamente em vários países, como Estados Unidos, Canadá e França, e, de acordo com a Delta Society (órgão que regulamenta os programas com animais nos Estados Unidos) a terminologia correta, oficial e fidedigna é Terapia Assistida por Animais (TAA). Essa nomenclatura vem sendo utilizada devido às confusões que os termos anteriores desencadearam, como pet terapia, zooterapia, cinoterapia, entre outros (Capote, 2011).

De acordo com Kruger et al., (2010), os animais no contexto da saúde possibilitam para a criança uma melhor adaptação ao novo contexto de vida, estabelecido pela hospitalização e imposição de situações e procedimentos desagradáveis de saúde. E, portanto, servem como auxiliares neste processo de transição, entre saúde e doença, tanto para a criança, quanto para a família. Além de que, fundamentalmente, para exercer função terapêutica de forma efetiva, a TAA necessita ser realizada por profissionais de saúde com conhecimento especializado dentro do âmbito de sua prática profissional e/ou por voluntários especialmente capacitados.

Acredita-se que a TAA seja uma proposta privilegiada para a promoção da saúde, com notoriedade no que diz respeito ao desenvolvimento da consciência das crianças sobre seu processo de saúde-doença, para que se tornem protagonistas de suas histórias, capazes de transpor e transformar a realidade. Para tanto, é necessário que a TAA possibilite uma abordagem criativa, que possa facilitar a aprendizagem individual e coletiva, proporcionando a criança uma autorreflexão crítica no cuidado de si e do outro. Nesta perspectiva, entre a multiplicidade de ações possibilitadas pela TAA tem-se a terapia facilitada por cães, com finalidade terapêutica ou educacional, denominada de Cinoterapia. O cão atua como um elo entre pacientes e profissionais, além de que, a relação estabelecida por meio desta terapia possibilita a manutenção de sentimentos de cuidado, confiança, estima e amizade entre os mesmos (Carvalho, 2014).

Diante desse contexto, fica evidente que a TAA traz consigo aspectos importantes de humanização, promoção e recuperação da saúde, pois além de promover uma descontração dos ambientes nas instituições de saúde, minimizando a pressão cotidiana, também representa uma ferramenta facilitadora da comunicação e das relações entre os profissionais atuantes no processo de hospitalização, as crianças e seus familiares. Por conseguinte, o uso de novas estratégias no âmbito hospitalar, por meio de práticas de cuidado diferenciadas, sustentadas pela ludicidade, pode influenciar diretamente na qualidade de vida, promoção de bem-estar e melhor compreensão do processo saúde-doença durante a estadia hospitalar. Assim, objetivou-se relatar as atividades do Programa extensionista, Cãopanheiro: Promovendo a saúde e a qualidade de vida de crianças por meio da TAA.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência do Programa de extensão, intitulado Cãopanheiro: Promovendo a saúde e a qualidade de vida de crianças por meio da Terapia Assistida por Animais, o qual se encontra vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS/SC).

O referido Programa atua desde o ano de 2016, considerando que a articulação entre a instituição de ensino promotora do Programa e a instituição hospitalar pactuante perdurou pelos meses de março a novembro deste mesmo ano, concomitante com a tramitação e autorização exigidas pela Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) da UFFS. A partir dos acordos firmados as ações do Programa foram adequadas, garantindo a efetividade da inserção do Cão-terapeuta em ambiente hospitalar, que se encontra em seguimento até o presente momento e têm por cenário de atuação um Hospital Pediátrico de referência para o Oeste catarinense, situado no Município de Chapecó/SC.

A Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) representa um órgão deliberador e de assessoramento da administração em matéria normativa e consultiva nas questões sobre o uso de animais para o ensino e a pesquisa. A equipe que compõe a comissão da instituição de ensino da UFFS é integrada por médicos veterinários e biólogos, professores e pesquisadores das áreas que utilizam animais no ensino e pesquisa científica, sendo que ainda, a comunidade externa tem representatividade por um membro da Sociedade Protetora dos animais. Desta forma, todas as atividades com uso de animais devem ser submetidas à análise e ao parecer da Comissão.

O Programa, de demanda espontânea, conta com a participação de acadêmicos e docentes vinculados a instituição de ensino promotora, a

UFFS e, também, de colaboradores externos vinculado a outra instituição de ensino - Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Além disso, os participantes conferem representatividade de diferenciados cursos superiores de graduação, sendo eles: Enfermagem, Pedagogia, Agronomia, Administração e Medicina Veterinária.

As ações da TAA ocorrem, semanalmente, e são substanciadas por períodos de preparação e estudo por parte dos integrantes do Programa, sendo que o processo de planejamento representa uma etapa fundamental para concretização das ações, que não são realizadas de forma aleatória, mas sim fundamentadas por meio da proposta de prática baseada em evidências, que exige dos participantes atribuições de pesquisa e reconhecimento das temáticas envolvidas nas ações.

O Cão-terapeuta utilizado nas atividades do Programa é cedido por um Pet Shop (que representa uma instituição parceira), sendo que este foi rigorosamente escolhido por se adequar às exigências do ambiente hospitalar para então viabilizar o desenvolvimento das ações propostas. Dentre as exigências, pode-se destacar o adestramento, boas condições de saúde e higiene. A partir disso, anteriormente ao turno da visita (intervalo de no máximo seis horas) o Cão-terapeuta é devidamente higienizado e submetido a uma completa avaliação de um profissional Médico Veterinário, para a asserção da sua saúde, e consequente habilitação para intervir no ambiente hospitalar.

Em seguimento, após a preparação do Cão-terapeuta, os integrantes do Programa são responsabilizados pela locomoção do mesmo até a instituição hospitalar, sendo que esta é realizada por meio de transporte pactuado com outra instituição parceira do Programa: Garupa-pet. Ao adentrar o ambiente hospitalar, em um primeiro momento preza-se pela ambientação e reconhecimento do cão sobre o espaço, bem como a interação com a equipe de saúde envolvida no processo de cuidado em pediatria, que, aliás, contribuem para seleção das crianças que apresentam condições clínicas favoráveis e que podem ser autorizadas (pela equipe médica e de enfermagem) para participação da TAA. Sendo que, para as crianças clinicamente mais vulneráveis, com restrições que contra indiquem o contato direto com o Cão-terapeuta, existe a possibilidade de a terapia ser realizada, exclusivamente, de forma visual, efetuada por meio da janela do quarto de internação. Também não recebem a TAA com o Cão-terapeuta crianças que ainda não possuem capacidade para reconhecer/interagir com o cão devido a sua fase natural de desenvolvimento (recém-nascidos).

A partir da seleção das crianças que participarão da atividade, segue-se um roteiro de ação por meio do quadro diário de pacientes internados. Para que o Cão-terapeuta adentre o espaço de cuidado, é necessário que um integrante voluntário do Programa realize anteriormente a explicação e orientação aos familiares e crianças sobre a organização das atividades propostas. A locomoção do Cão-terapeuta no ambiente de cuidado é

é realizada por meio de instrumento acessório, um carrinho que possibilita a condução apropriada durante as atividades.

Aproximadamente são realizadas, no dia de intervenção, um total de dez visitas nos próprios leitos de internação para o desenvolvimento da TAA com as crianças e seus familiares. A duração da atividade compreende cerca de 20 minutos para cada criança, porém este tempo é variável de acordo com a demonstração de interesse da mesma pela atividade. Também são realizadas visitas em ambiente lúdico cedido pela própria instituição hospitalar, denominado Brinquedoteca, o qual a terapia é realizada coletivamente.

Ainda, para efetividade das atividades de TAA, é necessária a aceitação positiva das crianças e seus familiares em participar da ação, e, caso esta prerrogativa não ocorra, a terapia é suspensa e segue seu curso normal para os demais participantes. Além do mais, como forma de garantir a credibilidade e comprometimento do Programa para com os preceitos éticos dos sujeitos sociais envolvidos nas ações (crianças, familiares, profissionais e acadêmicos), são apresentados e pactuados termos de consentimento livre e esclarecido sobre a participação das atividades, bem como de autorização de uso de imagens para posterior divulgação do estudo por profissionais e colaboradores responsáveis pelo Programa.

Ademais, também são realizadas avaliações de satisfação das atividades por meio de instrumentos disponibilizados aos participantes que possibilitem a expressão de suas impressões sobre as ações do Programa, sendo assim, no formato de formulário para familiares e profissionais envolvidos e no formato de escala visual analógica de expressões (demonstrações de sentimentos) por meio de representações em desenho para as crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foram realizadas a TAA, orientada pela cinesioterapia, uma média de 480 atendimentos diretos, destinados às crianças em processo de hospitalização, além das ações indiretas para familiares e profissionais da saúde. As atividades do programa sucederam tanto para a criança, quanto para o familiar de maneira livre e espontânea, respeitando suas vontades no que diz respeito à possibilidade de escolha sobre como relacionar-se com o Cão-terapeuta. De maneira geral, destacou-se expressivamente a interação e participação ativas das crianças e familiares nos momentos lúdicos propostos por meio da Cinesioterapia. Não obstante, uma minoria dos participantes demonstrou reações adversas à intervenção, expressando medo e receio, tornando necessária a interrupção da ação.

A TAA, segundo Kobayash et al., (2009) representa uma ferramen-

ta de cuidado que pode ser amplamente aplicada para várias faixas etárias e em diferentes locais, tais como: hospitais, ambulatorios, casas de repouso, escolas, clínicas de fisioterapia e de reabilitação, entre outros, desde que os animais possam entrar em contato com os seres humanos sem causar-lhes prejuízo à saúde. De forma complementar, Bussotti et al., (2005) considera que a TAA pode ser indicada como medida adjuvante no tratamento de diversas situações clínicas proporcionando benefícios emocionais e espirituais para os pacientes, familiares e para a própria equipe de saúde.

Por conseguinte, a presença do Cão-terapeuta no ambiente hospitalar representou uma proposta inovadora e diferenciada na perspectiva de cuidados, sendo assim, o fio condutor para a realização das atividades promotoras de descontração e ludicidade, de tal maneira a contribuir nas condições de saúde das crianças com enfoque na promoção da saúde e qualidade de vida, além de que propiciou maior interação das crianças com os profissionais e também com as demais crianças hospitalizadas.

Figura 1: Cão-terapeuta do programa



Figura 2: TAA no hospital



Fonte: Arquivo do programa Cãopanheiro Fonte: Arquivo do programa Cãopanheiro

Ainda, foi possível perceber o quanto o público infantil em processo de hospitalização, necessita de um ambiente que dê conta de suprir suas necessidades de recreação. Nessa perspectiva, o uso da TAA por meio das ações desenvolvidas com a presença do Cão-terapeuta viabilizou a

a inserção do lúdico à rotina hospitalar, bem como a humanização dos cuidados durante o processo de hospitalização. Relacionado a isso, Pereira et al., (2017) refere que a TAA representa uma oportunidade lúdica e afetiva, que quando aplicada em ambiente hospitalar é capaz de desviar a atenção da criança sobre a dor, tristeza e inquietação, o que promove a superação de inseguranças, estímulo de vínculos, alívio do estresse, além de viabilizar a cooperação sobre o seu plano terapêutico.

Uma avaliação positiva da atividade também pôde ser notada por meio da mudança de comportamento dos participantes diante da presença do Cão-terapeuta, tais como: melhoramento da comunicação da criança, minimização da ansiedade, do choro e da tristeza, além da demonstração de alegria em poder brincar com o cão em ambiente hospitalar, descritas pelos próprios profissionais e familiares. Tais características podem ser explicadas devido ao fato que durante a TAA há produção e liberação do hormônio endorfina no corpo do paciente, o que resulta na sensação de bem-estar e relaxamento, assim como na diminuição da pressão arterial e do nível do hormônio cortisol (Dotti, 2005), conhecido também como o hormônio do estresse.

Oportunamente, salienta-se também que a prática da Cinoterapia como um método de TAA refletiu em benefícios sobre o aumento da autoestima; redução da ansiedade; diminuição da dor, da solidão; além de promover motivação para o envolvimento das crianças em práticas de atividades em grupo, viabilizando também a melhor compreensão sobre o processo saúde-doença. De encontro a isso, segundo Pereira (2017) compreende-se que a terapia com animais pode ser benéfica para qualquer ser humano, em diferentes situações de vida, mas é especialmente indicada para crianças. Ela deve ser planejada, aplicada e supervisionada de acordo com as necessidades peculiares de cada criança, com foco na melhora dos aspectos emocionais, físicos e cognitivos, tendo sua evolução documentada. Além disso, o contato terapêutico com animais pode estimular no público infantil, sentimentos bons, de confiança e amor, e ainda viabilizar o processo de comunicação.

Neste contexto, considerando que a criança necessite de cuidados específicos para seu processo de crescimento e desenvolvimento mesmo diante da hospitalização, compreende-se que os profissionais da equipe de saúde desempenham um papel fundamental nesse processo, principalmente no que diz respeito às necessidades infantis que precisam ser incluídas na sua rotina de cuidados diários durante a estadia hospitalar. Desta forma, o conhecimento e prática de estratégias alternativas de cuidado, a exemplo do uso da TAA, representa um método inovador no âmbito do cuidado em pediatria, mas que auxilia e pode de maneira efetiva amenizar a tensão e ansiedade da criança no ambiente hospitalar, além de promover melhor adesão à terapêutica necessária (Bussotti et al., 2005).

Figura 3: TAA no hospital



Fonte: Arquivo do programa Cãopanheiro.

De encontro a isso, Vaccari e Almeida (2007) fazem alusão a outras vantagens da relação animal-criança que compreendem além do melhoramento do ato de relacionar-se com outras pessoas, o desenvolvimento da capacidade de lidar com aspectos não verbais, bem como a observação e interpretação da linguagem por gestos, posturas e movimentos, o desenvolvimento de atitudes humanitárias em relação ao animal, além de despertar a consciência ecológica.

Assim, de acordo com Carvalho (2014), o resultado terapêutico da Cinoterapia pode ser amplamente observado em relação aos aspectos emocionais e sociais do paciente, sendo que, somente, a presença do Cão-terapeuta pode produzir efeitos espontâneos e inesperados, visto que os animais parecem fornecer uma contribuição especial e única ao ambiente institucional, bem como nas relações e contato social, permitindo a criança superar os limites da hospitalização por meio das possibilidades de vislumbrar e vivenciar um novo cotidiano que atenda suas demandas de saúde com integralidade, principalmente no que se diz respeito à inclusão da recreação e ludicidade ao seu ambiente de cuidado.

Para os familiares, de maneira geral, a TAA apresentou-se como uma ação benéfica para estimulação da criança em processo de hospitalização, sendo que traz movimentação/descontração para o ambiente hospitalar, tornando-o menos hostil. Além de que proporciona uma possibili-

dade de interação por meio do brincar/relacionar-se com o Cão.

No que diz respeito às contribuições da prática da TAA por meio da Cinoterapia para o meio acadêmico, percebe-se que as abordagens viabilizaram aos profissionais e voluntários envolvidos o desenvolvimento de habilidades comunicativas, bem como a formação de vínculo, sendo que com o envolvimento no Programa, a estratégia da TAA representou uma forma de adaptar o cuidado planejado às necessidades da criança sem se sobrepor a sua autonomia, sendo possível desenvolver por meio dela um cuidado com dimensão integral, compondo desde a preocupação com o estado emocional e psicológico infantil diante do contexto de hospitalização, bem como uma forma criativa de desenvolver a prática de educação em saúde junto à criança e seu familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a TAA, subsidiada por meio da Cinoterapia, pode ser potencialmente benéfica quando incluída na rotina de cuidados para crianças em processo de hospitalização, especialmente no que se refere aos aspectos emocionais, sociais e cognitivos. Além disso, essa terapia pode oferecer melhor qualidade de vida às crianças e seus familiares durante a estadia hospitalar, por meio da redução do estresse e estimulação das relações interpessoais, facilitando a comunicação entre pacientes e equipe, reduzindo dessa forma a tensão comumente presente nas instituições de saúde.

A realização deste estudo, a partir das vivências do Programa, conduz a reflexão de que a Cinoterapia, enquanto estratégia alternativa de cuidado, associada à clínica convencional, pode trazer benefícios para o melhoramento clínico das crianças, devido à ação de viabilizar o processo de compreensão da criança sobre a transição da condição saúde-doença e aceitação da terapêutica necessária, além de apresentar repercussões positivas sobre sua comunicação, autonomia, motivação e humor. Por fim, destaca-se a TAA como uma importante estratégia na assistência à criança hospitalizada, sendo assim, portanto uma demonstração do quanto é válida a inclusão de terapias complementares e/ou alternativas no âmbito hospitalar de cuidados em pediatria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bussotti, Edna Aparecida; Leão, Eliseth Ribeiro; Chimentão, Denise Maria Nascimento; Silva, Cristiane Pavanello Rodrigues. Assistência individualizada: "Posso trazer meu cachorro?". *Rev Esc Enferm USP*. v. 39, n. 2, p.195-201, janeiro de 2005. Consultado em 20 de abril de 2018 através de <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v39n2/10.pdf>
- Capote, Patrícia Sidorenko de Oliveira., Costa, Maria da Piedade Resende da. Terapia assistida por animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual. São Carlos: EdUFSCar. p.95, 2011. Consultado em 7 de jul. de 2018 através de Books <http://books.scielo.org>
- Carvalho, Isis Alves de. Cinoterapia como recurso terapêutico para crianças com Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão assistemática da literatura. Curso de Especialização em Psicologia (Monografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, dez.2014. Consultado em 10 de jul. de 2018 através de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141412/000992363.pdf?sequence=1>
- Cruz; Daniel Dias. A inserção do palhaço no ambiente hospitalar: experiências de um projeto de extensão. *Em Extensão: Uberlândia*, n. 1, p. 133-140, jun. 2016. Consultado em 7 de jul. de 2018 através de http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/31110/pdf_1
- Dotti, J. *Terapia & Animais*. São Paulo: Noética, 2005. 294p.
- Juliano, R. S.; Jayme V.S.; Fioravanti, M. C. S et al. Terapia assistida por animais (TAA): uma prática multidisciplinar para o benefício da saúde humana. Consultado em 10 de jul. de 2018 através de <http://www.vet.ufg.br>
- Kobayash, Cassia Tiemi; Ushiyama, Sílvia Tiemi; Fakhil, Flávio Trevisan; Robles, Roseli A. M.; Carneiro, Ieda Aparecida; Carmagnani, Maria Isabel Sampaio. Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. *Rev Bras Enferm*: Brasília. v. 62, n. 4, p. 632-636, agosto de 2009. Consultado em 20 de abril de 2018 através de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/24.pdf>
- Kruger; Katherine A., Serpell; James A. Animal Assisted interventions in mental health: definitions and theoretical foundations. In: FINE, A.H. *Hand-Book on Animal-Assisted Therapy: Theoretical foundations and guidelines for practice*. 3^{ed}. U.S.A. Acad. Press. Elsevier. p. 36-48, 2010. Consultado em 10 de jul. de 2018 através de https://www.researchgate.net/publication/255576067_Animal-Assisted_interventions_in_Mental_Health_Definitions_and_Theoretical_Foundations
- Lima; Mayanny da Silva, Barbosa; Francisco Alisson da Silva, Monteiro; Luana de Moura. A importância do lúdico à criança hospitalizada: Revisão Integrativa. *Portuguese Reon Facema: Maranhão*, n. 2, p.139-142, dez. 2015. Consultado em 7 de jul. de 2018 através de <http://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/54/35>
- Marques; Elisandra Paula, et al. Lúdico no cuidado à criança e ao adolescente com câncer: perspectivas da equipe de enfermagem. *Esc Anna Nery*, n. 3, mai. 2016. Consultado em 6 de jul. de 2018 através de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452016000300218&script=sci_abstract&tlng=pt
- Moreira Rebeca Lima et al. Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros. *Rev Bras Enferm*. v. 69, n. 6, p. 1188-1194, dezembro de 2016. Consultado em 20 de abril de 2018 através de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n6/0034-7167-reben-69-06-1188.pdf>
- Pereira, Mara Júlia Fragoso; Pereira, Luzinete; Ferreira, Maurício Lamas. Os benefícios da terapia assistida por animais: uma revisão bibliográfica. *Saúde coletiva*, v. 4, n. 14, p. 66-6, 2007. Consultado em 10 de jul. de 2018 através de <http://www.redalyc.org/articulo00?id=84201407>
- Pereira, Viviane Ribeiro. Intervenções Assistidas por Animais com crianças em contextos de vulnerabilidade social: utilizando o método photovoice. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2017. Consultado em 20 de abril de 2018 através de <https://wp.ufpel.edu.br/pgenfermagem/files/2017/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Viviane-Ribeiro-Pereira.pdf>
- Silveira, Isa Rodrigues; Santos, Nanci Cristiano; Linhares, Daniela Ribeiro. Protocolo do Programa de Assistência Auxiliada por Animais no Hospital Universitário. *Rev Esc Enferm USP*. v. 45, n. 1, p. 283-288, janeiro de 2011. Consultado em 20 de abril de 2018 através de <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v45n1/40.pdf>
- Vaccari, Andreia Maria Heins; Almeida, Fabiane de Amorim. A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. *Einstein*. v. 5, n. 2, p. 111-116, janeiro de 2007. Consultado em 20 de abril de 2018 através de http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/419-Einstein5-2_Online_AO419_pg111-116.pdf